

NELSON WERNECK SODRÉ: HISTÓRIA E UTOPIA*.

MORAIS, Rodrigo de Paula**

Essa comunicação é parte do trabalho de pesquisa, em fase de desenvolvimento, que tem como objeto principal a obra *As Classes Sociais no Brasil* de Nelson Werneck Sodré, a partir da qual se analisa a função da narrativa histórica na atuação política do autor. A obra foi publicada em 1957, período em que o autor fez parte do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (ISEB). Tal instituição foi formalizada durante o governo de Juscelino Kubitschek, imbuída da missão de pensar o desenvolvimento do Brasil.

A partir da obra *As Classes Sociais no Brasil* e outras publicadas pelo autor no mesmo período foi possível estabelecer uma relação entre essa produção de Sodré, dos tempos do ISEB, e os debates em torno da definição de diretrizes de desenvolvimento para o Brasil. Nesse sentido a produção de Sodré está em diálogo não apenas com o momento em que vive e no qual atua, mas com seus pares, como os quais estabelece um diálogo – de aproximações e distanciamentos – dentro do ISEB.

Assim, para pensar a produção de nosso autor, uma perspectiva interessante parece a apontada por Pierre Bourdier a partir da noção de campo político, um espaço de possíveis construído coletivamente que transcende aos produtores individuais e que tornam inteligíveis as ações políticas dos sujeitos, grupos, instituições em suas interações:

como um pequeno mundo social relativamente autônomo no interior do grande mundo social. Nele se encontrará um grande número de propriedades, relações, ações e processos que se encontram no mundo global, mas esses processos, esses fenômenos, se revestem aí de uma forma particular. É isso o que está contido na noção de autonomia: um campo é um microcosmo autônomo no interior do macrocosmo social. (Bourdier, 2011, p. 196)

O objetivo da pesquisa não se localiza na reconstituição do campo político. Entende-se, contudo, que ao inserir a produção do autor em um dado campo, pode trazer à tona as nuances da disputa pelo espaço político, tanto no interior do ISEB, como para além dele.

Para o governo de Juscelino Kubitschek, assim como para muitos dos intelectuais brasileiros no que se incluem os que fizeram parte do ISEB, promover a industrialização do

* Esse texto faz parte do trabalho de pesquisa em fase de desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”.

** Professor de História do Colégio Cenecista Doutor José Ferreira e aluno de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, sob orientação da Professora Doutora Virginia Célia Camilotti. E-mail: morais_rp@hotmail.com

país era condição fundamental para a inserção do Brasil em um patamar superior no quadro das relações internacionais. Para Sodré, significava romper com aquilo que identificava como uma herança colonial que nos impedia de alcançar a real independência.

Nelson Werneck Sodré foi um intelectual que teve uma trajetória de vida bastante interessante e uma vasta produção. Nasceu em 1911, no Rio de Janeiro e seguiu carreira militar, chegando à patente de general de brigada. Sua produção intelectual começou na década de 1930 e, na década de 1950 chegou a atuar como docente na Escola de Comando e Estado Maior do Exército, lecionando o curso de História Militar. Essa formação militar, associada à influência do marxismo e ao seu ingresso no Partido Comunista Brasileiro (PCB) foi decisiva na atuação do intelectual Sodré:

A chapa nacionalista [para a presidência do Clube Militar no início da década de 1950], além de vários militares ligados ao PCB, contava entre seus membros com o Major Nelson Werneck Sodré, como Diretor Cultural. É o momento em que sua intervenção política, para não dizer militante, se apresentou de forma confluyente, em particular por meio de uma vigorosa intervenção na Revista do Clube Militar. Paralelamente à campanha pela criação da Petrobras, o exemplo mais significativo de um posicionamento que fez história, decorre da polêmica em torno da Guerra da Coreia e da possibilidade do envio de soldados brasileiros ao campo de batalha. Contrária a esta participação, a Diretoria do Clube Militar manifestou sua posição através de artigos e editoriais – entre eles, Considerações sobre a Guerra da Coreia –, demonstrando, também, o caráter imperialista da guerra. Isto fez elevar as tensões entre os militares de forma inusitada. (Cunha, p. 150)

Foi sua trajetória política, cada vez mais à esquerda, que resultou em uma série de conflitos entre o autor e o comando das Forças Armadas e à sua transferência para a reserva, em 1962. Percebe-se que o autor estabelece em sua produção e vinculação ao ISEB um espaço de disputa política, em que fica clara sua opção pela teoria marxista. A influência de Marx, tanto de *O Capital*, quanto de *A Ideologia Alemã*, na obra de Sodré são determinantes nas análises sobre o desenvolvimento econômico e das classes sociais, assim como na questão da ideologia como forma de dominação.

Sodré participou ativamente da formulação do Instituto Superior de Estudos Brasileiros, em 1955. A instituição, formalizada durante o governo de Juscelino Kubitschek, foi imbuída da missão de pensar o desenvolvimento do Brasil e nela Sodré trabalhou com os temas de história do Brasil, ministrando cursos e publicando diversos trabalhos¹.

¹ O trabalho realizado pelo ISEB era “destinado a formar as elites brasileiras, era oferecida uma visão ampla e coerente do Brasil, de sua história, do caráter semicolonial do período que se segue à independência política, e do início da Revolução Nacional Brasileira, que começa com a Revolução de 1930, sob a liderança de Getúlio Vargas, e sob a égide da industrialização substitutiva de importações” (Pereira, 2004, p.7)

O objetivo do ISEB era a criação de uma ideologia que resultasse na formação de uma consciência crítica capaz de amparar um projeto nacionalista de desenvolvimento. Nesse ponto, os isebianos discutiam o caráter dessa ideologia, distinguindo-a daquele sentido de ocultação da realidade e de expressão das classes dominantes. A formação de uma ideologia do desenvolvimento nacional “deve-se atentar para o fato de que ela seja simultaneamente representativa e autêntica; ou seja, deverá representar concretamente os interesses situacionais (atualmente convergentes) das diversas classes que compõem a formação social brasileira” (TOLEDO, 1978, p. 42).

Em vários aspectos o pensamento desenvolvido por Sodré se manteve distante do de outros integrantes do ISEB, como Álvaro Vieira Pinto, Roland Corbisier e Alberto Guerreiro Ramos. Principalmente no tocante à questão do desenvolvimento de uma ideologia que fosse capaz de congrega a nação, o que Álvaro Vieira Pinto conceituou como “ideologia autêntica”, ou “ideologia do desenvolvimento nacional”. Segundo esse pensamento, seria papel dos intelectuais organizar as representações da consciência das classes trabalhadoras, dando-lhes coerência.

Para Sodré, a ideologia continuava ser o reduto da falsificação e do engano, cuja função era justificar e defender os interesses das classes dominantes. Segundo Sodré “toda ideologia é justificatória por definição e, gerando-se de condições concretas e, portanto, sendo constituída *a posteriori*, pretende sempre apresentar-se como apriorística” (1984, p. 98). Assim, o autor não se preocupa, tal como outros isebianos, em formular uma Teoria da Ideologia, ou na urgência da constituição de uma ideologia do desenvolvimento. E nem poderia. Rigoroso com seus pressupostos teóricos do arcabouço marxista, afirma que uma ideologia não pode ser construída *a priori*, mas é determinada pela infraestrutura da sociedade.

Isso não quer dizer que Sodré não compartilhasse das ideias defendidas no interior do grupo. Segundo Caio Navarro de Toledo, apesar das divergências com relação aos termos e conceitos utilizados

não se poderá, porém, concluir daí que haja antagonismos ou divergências profundas entre as posições defendidas por N. W. Sodré e as dos demais autores. Se diferenças existem do ponto de vista das premissas ou da inspiração filosófica, no plano da prática política a identidade de perspectivas é nítida. Será a defesa da posição nacionalista, no final das contas, o sólido ponto de convergência entre todos os isebianos dessa fase privilegiada por nossa análise. Isto também não implica, como veremos, que não haja discordância quanto à compreensão de natureza, limites e possibilidades do nacionalismo no interior da transformação social brasileira na década de 50 e no início dos anos 60.

O estudo da obra *As Classes Sociais no Brasil* indicou a existência de um fio condutor da narrativa histórica composta por Nelson Werneck Sodré nas obras que produziu na década de 1950: a preocupação com o “ponto de chegada”. Ao tratar da obra de Oliveira Vianna, a autora Maria Stella Bresciani chamou a atenção para o fato de que tanto Vianna quanto seus críticos, no que se pode incluir Sodré, “escreveram seus trabalhos como instrumento de luta e base de projetos delineados com anterioridade ao próprio texto escrito. Daí, nesses trabalhos, o ponto de partida já conter o ponto de chegada” (2005, p.16). Ou seja, há um conteúdo político nessas narrativas que define, a priori, não só o lugar da escrita e do intelectual, como o resultado da própria produção. Tudo está dado antes mesmo do início da pesquisa, o local de chegada foi pré-determinado.

Percebe-se que foi através de sua narrativa, de sua produção intelectual, que Sodré procurou atuar na disputa pelo espaço político, tentando estabelecer um consenso sobre o que vinha a ser a realidade nacional e propondo projetos para o futuro. Ou seja, há de forma implícita, e muitas vezes explícita, a marcação de um debate sobre os temas centrais para os intelectuais no Brasil nas décadas de 1950 e 60, tais como a questão da consciência de classe e os desafios para o desenvolvimento do país, especialmente a questão da fomentar a industrialização e de romper com a dominação imperialista.

O desenvolvimento da pesquisa tem se realizado também com a leitura e o cruzamento com outras obras de Sodré, do mesmo período. A empreitada justifica-se pelas ausências denunciadas pelo próprio autor em *As Classes Sociais no Brasil*², uma obra sucinta em que muitos pontos são analisados de maneira breve. Além disso, a pesquisa tem constatado que alguns conceitos foram utilizados com menor rigor, quando comparados ao tratamento que receberam em outros trabalhos do autor. Ao longo de *As Classes Sociais no Brasil*, foi possível identificar problemas de rigor conceitual, criticados pelo próprio Sodré em *A ideologia do colonialismo* e em *Formação Histórica do Brasil*. São problemas pontuais que não inviabilizam a compreensão dos temas, nem mesmo podem colocar em descrédito ou comprometer o autor e sua obra.

De maneira que o trabalho com outras obras publicadas pelo autor no período amplia as possibilidades de análise. As obras selecionadas para o trabalho foram:

² A obra *As Classes Sociais no Brasil*, originalmente publicada em brochura do ISEB, em 1957, foi posteriormente inserida como o primeiro capítulo de *Introdução à Revolução Brasileira*, publicada em 1958 pela editora José Olympio. Para efeito desse trabalho, considera-se a edição de 1957 de *As Classes Sociais no Brasil* em sua formatação original. O que não significa que *Introdução à Revolução Brasileira* seja desconsiderada no presente trabalho de pesquisa.

O *Tratado de Methuen*, publicado pelo ISEB em 1957, parte da coleção a que pertence *As Classes Sociais no Brasil*. Nessa obra o autor procura demonstrar a relação entre o Tratado de Methuen e a tradicional versão da História que atribuiu ao acordo a dependência de lusa em relação aos ingleses. Com isso, o autor promoveu não só a crítica à versão tradicional, como procura demonstrar as bases sobre as quais se organiza a industrialização e até que ponto os acordos internacionais podem prejudicar o desenvolvimento de um país. Ou seja, Sodré busca na História as formas de compreender e interpretar a posição que Brasil no quadro geopolítico internacional em que pesava, dentro das concepções do autor, o imperialismo estadunidense.

A ideologia do colonialismo, publicado em 1961, no qual o autor reúne uma série de artigos em que mostra a influência do pensamento colonialista entre intelectuais brasileiros ao longo do tempo. As produções de Azeredo Coutinho, José de Alencar, Sílvio Romero, Euclides da Cunha são analisadas a partir da ótica de sua contribuição e limites impostos pelo ambiente intelectual de cada um dos autores. O mesmo não ocorre ao analisar a obra de Oliveira Vianna. Segundo Sodré, o autor “realizou uma opção deliberada” de difundir a ideologia do colonialismo. Ao fim, a narrativa histórica desemboca na tese de que ainda se conservava, no período em que Sodré militava, uma dominação, fundamentalmente econômica, que era parte da estratégia imperialista que perpetuava a ideia da inferioridade brasileira, tal como no passado.

Formação Histórica do Brasil, publicada em 1962, trata-se de uma obra densa em que o autor enumerou cuidadosamente suas fontes e traçou o perfil do desenvolvimento histórico do Brasil, de colônia de Portugal culminando com a análise da situação do país na década de 1960. Esta obra ajuda a preencher lacunas deixadas nas obras publicadas para o curso que ministrava no ISEB. Em especial, na parte final do livro, intitulada *Revolução*, o autor retomou o processo histórico brasileiro, das condições internas e externas que condicionaram o Brasil na situação de dependência em relação ao capital estrangeiro e as ligações entre a classe proprietária. Nesse ponto, avaliou e o papel da burguesia e do proletariado na superação desta condição.

Portanto, a partir da obra *As Classes Sociais no Brasil*, esse trabalho de pesquisa caminha, como objetivo geral, na trilha das ferramentas utilizadas por Sodré na composição da narrativa histórica, entre elas as do arcabouço teórico marxista, em que o autor envereda, em vários momentos, para um verdadeiro determinismo histórico. Assim, o trabalho consiste em investigar a forma como o autor utiliza a História para explicar o presente, mas sempre com vistas a validar sua postura política, projetando uma ação desejada, um projeto de futuro.

O autor se engaja nas disputas políticas de seu tempo e faz de sua produção intelectual uma arma nessa disputa. É interessante como Sodré justifica sua produção, não por seu interesse acadêmico, mas “da necessidade de conhecer os antecedentes que, em seu desenvolvimento, levaram o País à situação em que se encontra, vistos de um ângulo objetivo. Não é este, pois, um livro de mera especulação: deriva de uma posição política” (1963, p. X). O trecho anterior pertence ao prefácio de *Formação Histórica do Brasil*, mas poderia muito bem ser prefácio de qualquer uma das obras dos tempos do ISEB, senão de toda a vasta produção intelectual do autor.

As posições defendidas por Sodré a partir do ISEB, e propriamente na obra em questão, apontam para uma clara distinção entre o que o autor considerava a formação de um pensamento independente e emancipatório e aquele que se processava a partir da prática de grupos que atuavam no interior do Estado, como a União Democrática Nacional (UDN), e em meios massivos como os Diários Associados, de Assis Chateaubriand. Segundo Sodré, esses grupos representavam no Brasil os alicerces da ideologia do colonialismo.

Dentro das Forças Armadas havia distinção não só entre os militares do Exército³, que apesar de nacionalistas tinham como majoritário o grupo ligado à Escola Superior de Guerra (ESG), defendendo posturas radicalmente distintas daquelas do ISEB. A própria Força Aérea Brasileira (FAB) se tornou um reduto conservador ao qual se ligou a cúpula da União Democrática Nacional.

Assim, o repertório discursivo formulado por Sodré e uma parte do grupo do ISEB, pois este também apresentava discordâncias que levaram a uma separação dentro do grupo no final dos anos de 1950, entrava em rota de colisão com aquele formulado pela ideologia nacional-desenvolvimentista do governo JK. A partir de 1961, vários intelectuais ligados ao ISEB promovem uma dura crítica ao projeto nacional-desenvolvimentista tal como estava sendo colocado em prática pelo governo. E, fundamentalmente, os remanescentes do ISEB que passaram a defender as reformas de base entram também em rota de colisão com os grupos que assumiram o comando do Estado a partir de 1964.

³ Havia uma crescente divisão dentro do Exército. Apesar de muitos oficiais defenderem as ideias socialistas, predominou o grupo em torno da ESG, responsável pela construção da Doutrina de Segurança Nacional e da histeria anticomunista que culminou com o golpe militar em 1964. O fato “motivador para aumentar ainda mais a divisão ideológica entre os oficiais do Exército diz respeito a um exemplar da Revista do Clube Militar, de julho de 1950, na qual publicou - se um artigo de autoria do então capitão Nelson Werneck Sodré, sob pseudônimo de Capitão X, chamado *Considerações sobre a Guerra na Coréia*.” (Santos, 2010, p. 30)

A escolha da obra *As Classes Sociais no Brasil*, entre a vasta produção de Sodré, justifica-se, entre outros, pelo fato de ter sido o trabalho inaugural no ISEB⁴. O livro, publicado em 1957, faz parte de uma coleção editada pela instituição e relaciona-se diretamente com a prática docente de Sodré no Instituto. Nesse trabalho, o autor demonstra de maneira explícita a sua preocupação em avaliar a formação das classes sociais no país, da época da colonização do Brasil à condição em que se encontravam no final da década de 1950, quando no país se percebia que a:

inquietação social se denuncia por toda parte. Enquanto a classe trabalhadora, a burguesia nacional e parte da pequena burguesia se colocam de um lado, alinham-se de outro à grande burguesia, cujos interesses estão vinculados aos mercados externos, a classe dos proprietários territoriais, que refuga qualquer reforma que lhe afete os direitos e privilégios e, finalmente, com um papel de primeira ordem, o imperialismo econômico, que se torna cada vez mais ativo, que urge as soluções que o satisfaçam e que pretende associar-se cada vez mais fundamente à exploração da riqueza nacional. (1957a, p. 51)

Percebe-se na obra a preocupação com o “ponto de chegada”, de demonstrar historicamente como a formação das classes sociais condicionou, ou por que não, determinou a condição de subalternidade do Brasil no quadro das relações internacionais. Mais do que isso, apreende-se a intenção do autor de romper com o pessimismo que afetava o pensamento brasileiro, segundo ele, fruto da herança colonial.

Contudo, parece perturbador que para vários intelectuais brasileiros da época:

importar ideias políticas e modelos institucionais de outros países constituiria um erro político primário; contudo, fazer uso de modelos de análise da sociedade e de teorias sociológicas, de ampla utilização nos países europeus e Estados Unidos, significaria partilhar com a comunidade internacional de cientistas o domínio comum de conhecimentos obtidos do que denominaram “os sólidos e isentos princípios da ciência”. (Bresciani, 2005, p.171)

Há que se notar que o defensor do projeto cujo objetivo era o desenvolvimento de um pensamento nacional e emancipatório tenha, em alguns momentos, promovido uma leitura da História do Brasil por meio de lentes sem o devido ajuste. Assim, Sodré pôde enxergar no interior do Nordeste, entre sertanejos, a existência regime feudal:

⁴ É esclarecedor acerca das intenções propostas pelo grupo que constituía o ISEB o pequeno texto publicado na antecapa do livro *As Classes Sociais no Brasil*: “Empenhado na obra de emancipação cultural do país, o I.S.E.B. se propõe, no que diz respeito a publicações, realizar um plano editorial que inclui não só traduções de obras estrangeiras, - sobretudo das que nos ajudem a compreender os problemas do homem brasileiro e do contexto semicolonial e subdesenvolvido em que se acha situado, - mas também e principalmente a produção de originais brasileiros que revelem a nova perspectiva em que nos encontramos.” (Sodré, 1957a)

À medida que se completa essa divisão de atividades, crescem as diferenças entre o sertão e o litoral e surge o contraste entre uma faixa litorânea em que se operam transformações econômicas e sociais, ainda que muito lentas, em uma zona de sertão, em que grupos de classes se estratificam. Se bem que os quadros tenham identidade, uma vez que tanto no sertão como no litoral com o passar dos tempos, o regime escravocrata vai sendo substituído por um regime feudal ou semifeudal, o fato é que no sertão as relações feudais se aprofundam e se conservam praticamente intactas. (Sodré, 1984, p.94)

O diagnóstico da sociedade por meio da análise das classes e sua relação com um determinado modo de produção demonstram a que ponto o materialismo histórico foi determinante na escrita de do autor. É importante ressaltar que não há na produção do autor, no período em que esteve vinculado ao ISEB, referências a um projeto de revolução que conduzisse ao socialismo.

Coerente mais uma vez com suas bases teóricas, em particular ao materialismo histórico, o autor afirmava que não se apresentavam no Brasil as condições objetivas que poderiam levar à derrocada do capitalismo. Assim, Sodré pensa a sociedade a partir do prisma da evolução de diversos “regimes de produção: a comunidade primitiva, o escravismo, o feudalismo, o capitalismo e o socialismo.” E afirma que o estudo da sociedade brasileira “mostra não só a vigência aqui, da descoberta aos nossos dias, de cada uma daquelas formas, de cada um daqueles regimes de produção, salvo o último, sucessivamente, como a sua coexistência ao longo do tempo e ainda hoje” (1963, p. 4)

A defesa do desenvolvimento industrial como fator chave de emancipação passava pela defesa do nacionalismo e da união entre o que chamava de burguesia nacional e de proletariado urbano para a realização da “revolução brasileira”. Sodré defendia a ideia de que o nacionalismo era fruto da realidade brasileira e que estava presente entre as classes trabalhadoras e a burguesia nacional, mesmo sem dar precisão a essas classes. Para ele, o Brasil havia alcançado uma etapa do desenvolvimento das forças produtivas “que significa, em suma, que existem agora, no nosso país, os fundamentos econômicos e uma repartição em diferentes classes suficientes para permitir aquele processo de renovação a que já se convencionou chamar Revolução Brasileira”. (Sodré, 1957a, p. 51)

A produção de Sodré, nos tempos do ISEB, guarda outras referências com as questões que circunscrevem a produção de intelectuais brasileiros da primeira metade do século XX e que persistem ainda hoje. Segundo Bresciani, intelectuais como Gilberto Freyre, Sérgio Buarque de Holanda e Caio Prado Júnior e mesmo a produção de Darci Ribeiro, na década de 1990 compartilham de um pessimismo acerca da identidade nacional, de uma inferioridade historicamente determinada. Mais ainda, compartilham daquilo que a autora

trata como “O pecado da origem” resultado de um “fundo-comum de teorias, informações e preconceitos” (2001, p. 407) que nortearam suas interpretações e a de outros por eles criticados, como Oliveira Vianna.

Embora críticos, esses “interpretadores” do Brasil buscaram seus materiais de trabalho nesse fundo-comum de conceitos e preconceitos entretecidos por vozes e discursos diferentes no decorrer de, ao menos, dois séculos, para sobre o quadro cronológico tradicional – Colônia, Império e República – tecerem uma outra narrativa, uma outra camada histórica comprometida com a tarefa de captar o específico ser brasileiro. (Bresciani, 2011, p. 408)

Nesse ponto há aproximações entre esses “interpretadores” do Brasil e o trabalho realizado por Sodré, fundamentalmente no que diz respeito à questão do uso do quadro cronológico tradicional para buscar a genealogia dos problemas nacionais, em que pesa, em algum grau, a determinação do meio sobre o homem. O autor compartilha, também, a crença de um vir a ser e a aposta no futuro com relação ao brasileiro. Para Sodré as condições sobre as quais as classes sociais se encontravam em sua época colocavam, na ordem do dia, o enfrentamento entre as bases nacionalistas e as forças antinacionais.

denuncia, na inquietação presente, a antinomia entre sua estrutura colonial, profundamente associada aos interesses do imperialismo, e a sociedade que, no seu desenvolvimento dinâmico, impulsiona a burguesia nacional e o proletariado como as forças capazes de transformar aquela estrutura em uma estrutura nacional, cujas linhas democráticas permitem a expressão livre de interesses das reivindicações de classes em que se reparte a comunidade brasileira. (1957a, p. 51)

Contudo, ao que parece, o que cabe verificação, se distancia dos demais ao pensar a questão da classe e não, fundamentalmente, da identidade nacional. Além disso, parece vislumbrar, em vários momentos, um espírito contestador em meio à classe média, da qual o próprio autor advém, e às classes trabalhadoras que quebra com a “imagem negativa e ressentida do país” (Bresciani, 2001, p. 412)

Uma questão parece fundamental nessa proposta de trabalho: a ideia de que a linguagem constitui espaço privilegiado da disputa política e que essa disputa se faz no âmbito dos conceitos. Portanto, acredita-se pertinente a esse trabalho o escrutínio de algumas palavras em torno das quais os textos se constroem.

Conceitos como desenvolvimento, nacionalismo, colonialismo, imperialismo e classes sociais marcaram o discurso político de Sodré e em torno delas o autor demarcou sua compreensão sobre a História, o que parece ser sua aposta para a compreensão do momento

em que vivia e a possibilidade de empreender um projeto de futuro para o Brasil. Dessa maneira,

a investigação do campo semântico de cada um dos conceitos principais revela um ponto de vista polêmico, orientado para o presente, assim como um componente de planejamento futuro, ao lado de determinados elementos de longa duração da constituição social e originários no passado. (Koselleck, 2006, p. 101)

E é a partir da formulação desses conceitos que Sodré tece a narrativa sobre a História. Contudo, não se trata de formular uma história dos conceitos, mas de se servir de ferramentas utilizadas por ela

pois a história dos conceitos é, em primeiro lugar, um método especializado de crítica das fontes que atenta para o emprego de termos relevantes do ponto de vista social e político e que analisa com particular empenho expressões fundamentais de cunho social e político. (Koselleck, 2006, p. 103)

A escolha da obra *As Classes Sociais no Brasil* como objeto privilegiado de pesquisa justifica-se, também, pelo caráter de centralidade que a obra assume em meio à produção do autor à época do ISEB. Pode-se perceber que o procedimento de construção da narrativa, no que diz respeito à estrutura e ao funcionamento de *As Classes Sociais no Brasil*, a faz operar como uma alegoria. Segundo Camilotti, alegoria “no sentido de instrumento heurístico, tal como adotado por Walter Benjamin na obra das *Passagens*, ou em ‘Paris, Capital do século XIX’”. Trata-se da ideia de um mundo em miniatura a partir do qual se pode depreender um universo maior, o qual abarca e ao mesmo tempo remete” (2008, p.198).

No que tange ao funcionamento de *As Classes Sociais no Brasil*, a operação narrativa de Sodré expõe não apenas a questão da formação histórica das classes sociais como forma de acessar os sujeitos de seu tempo e de mobilizá-los à ação, ponto fundamental na atuação política do autor e que também se percebe nos demais trabalhos. A obra apresenta, na forma de operar a narrativa histórica, uma amarração modelar que está presente em outras obras produzidas por Sodré nos tempos do ISEB. Mesmo com enfoques e com temáticas diferentes, as narrativas conduzem o leitor por caminhos (estruturas narrativas) cujo destino (função) é semelhante. Ao que parece, não foram as pesquisas que definiram e conduziram ao destino, mas o destino, previamente concebido, definiu os caminhos a seguir.

Entre os conceitos a serem analisados, um parece fundamental, pois em torno dele se constroem as narrativas nos diversos trabalhos de Sodré. Trata-se do conceito de colonialismo, que perpassa a História do Brasil como um ponto nodal da interpretação sobre

as práticas políticas, econômicas e culturais. A partir do conceito de colonialismo, Sodré avança para o de imperialismo, segundo ele, forma avançada de atuação do colonialismo em seu próprio tempo.

Na obra de Sodré, o conceito de colonialismo opera como chave para interpretação da construção narrativa. A partir da noção de que o Brasil se construiu sob o olhar e as sombras do outro, tomando para si a imagem produzida pelo outro – no caso, o colonizador – faz-se urgente, na visão de Sodré, a emancipação definitiva, que não ocorreu nem com a independência formal em 1822, nem com a República, em 1889.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRESCIANI, Stella e NAXARA, Márcia. (orgs.) *Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.

BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O charme da ciência e a sedução da objetividade: Oliveira Vianna entre os intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

BOURDIER, Pierre. *O campo político*. Revista Brasileira de Ciência Política, nº 5, 2011.

CAMILOTTI, Virginia Célia. *João do Rio: ideias sem lugar*. Uberlândia: EDUFU, 2008.

CUNHA, Paulo Ribeiro da. Ortodoxia e coerência de um general (bom) de briga(da). Topoi: revista eletrônica do Programa de Pós-graduação em História Social da UFRJ, v. 11, n. 20, jan.-jun. 2010, p. 149-158. Disponível em <<http://www.revistatopoi.org>>. Acessado em: 03 jul. 2012.

KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos – problemas teóricos e práticos. In *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, vol.5, n.10, 1992.

_____. *Futuro passado*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006.

PEREIRA, Luiz Carlos Bresser. O conceito de desenvolvimento do ISEB rediscutido. Escola de Economia de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas – FGV, 2004. Disponível em <<http://bresserpereira.org.br>>. Acessado em: 03 jul. 2012.

SANTOS, Stefan Freitas dos. *BATALHA PELA DEMOCRACIA: 1961-1964: Outras visões, os sargentos e o governo João Goulart*. Dissertação (Mestrado) – CPDOC, Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 2010.

SODRÉ, Nelson Werneck. *As Classes Sociais no Brasil*. Rio de Janeiro: ISEB, 1957a.

_____. *O Tratado de Methuen*. Rio de Janeiro: ISEB, 1957b.

_____. *Introdução à Revolução Brasileira*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1958.

_____. *A Ideologia do Colonialismo: seus reflexos no pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro, 3ª edição. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1984.

_____. *Formação Histórica do Brasil*. 2ª edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 1963.

TOLEDO, Caio Navarro de. *ISEB: fábrica de ideologias*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1978.